

# TRATAMENTOS DO CORPO EM NOSSA ÉPOCA E NA PSICANÁLISE

29  
JUNHO-03  
JULHO

2022

Paseo La Plaza - CABA  
Av. Corrientes 1660

Buenos Aires  
Argentina

## O corpo aturdido por nossa época

Eva Orlando

*“Vivemos em um tempo particularmente curioso. Descobrimos, com surpresa, que o progresso fez um pacto com a barbárie<sup>1</sup> .”*

Como psicanalistas, nós não temos o costume de associar, ao corpo, o significante “tratamento”, e estamos mais inclinados a associar a isso o de “cura”, aquela que, com seu discurso, enoda *de facto* o corpo ao sintoma e serve de umbigo ao *parlêtre* e à linguagem. Na etimologia da palavra “tratamento”, que deriva de *trahere*, encontramos uma referência à maneira pela qual nos portamos com alguém<sup>2</sup>, à maneira de tratá-lo, assim como às práticas que lhe propomos. Na nossa época atual, os discursos dominantes privilegiam o tratamento à cura, lá onde o corpo em questão oscila entre o organicismo biológico e as técnicas robóticas da ciência que desumanizam o corpo. Através das línguas que falam dele, das práticas que o tratam, das ideias que o investem, dos sentidos que o tocam, da engenharia que o duplica, o corpo não somente não é mais imediato, mas é sobretudo esquecido. É certo que o corpo da psicanálise não é o corpo objeto dos outros discursos, porque ele não equivale ao organismo, ele não é um dado constituído, natural e estabelecido de uma vez por todas, já que, entre o sujeito e o corpo, existe a fala.

Com Lacan, sabemos que o corpo é o Outro e que ele é um campo onde se inscreve o significante, até chegar à formulação do corpo falante. É unicamente a partir dessas premissas que nós podemos pensar que seu tratamento pela psicanálise é uma chance oferecida ao sujeito para tentar lutar contra

<sup>1</sup> S. Freud, (1938), *L’homme Moïse et la religion monothéiste, Trois essais*, Paris, Gallimard, 1986, p. 131.

<sup>2</sup> O. Pianigiani, *Vocabolario etimologico della lingua italiana*, Milano, Sonzogno, 1937.

a deriva do gozo. Nunca testemunhamos tanto um corpo aturdido por sua época. Entre as miragens dos diferentes tratamentos propostos, as promessas do virtual e das redes sociais, e as identificações ‘imaginativas’ permanentes que daí resultam, as neo-identidades pós-modernas – tantos efeitos variados e não simbolizáveis do discurso capitalista –, o corpo permanece aturdido. O sujeito se confunde com seu corpo e assim se perde.

Em 1975, em “Conferências e entrevistas nas universidades norte-americanas”<sup>3</sup>, Laca dirá assim: “O homem poderia dizer que ele é um corpo, e isso seria bem sensato, porque é evidente que o fato de que ele consiste em um corpo é o que há de mais certo”<sup>4</sup> e ele sustentará, no seminário do mesmo ano, sobre o sintoma<sup>5</sup>, que “certamente o corpo não se evapora e, nesse sentido, ele é consistente [...]”<sup>6</sup>. Portanto o homem pode dizer que é um corpo porque ele consiste em um corpo, mas em que consiste o corpo e particularmente na época que é a nossa? O corpo é uma substância que não se evapora e é a condição de sua consistência, precisa Lacan. Aí está uma definição nodal para a psicanálise. Portanto, a partir dessa consistência que não se evapora, a articulação S1-S2 dá múltiplas voltas, amarrando e desamarrando vários sentidos que tomam uma direção a partir do corpo; e vai-se de: alto-baixo, interno-externo; a: vazio-cheio, alma-corpo, masculino-feminino. Razão pela qual, e é o que tento dizer, o corpo é *aturdido* pela nossa época.

Então “Que se diga fica esquecido detrás do que se diz no que se ouve”<sup>7</sup> poderia concernir ao tratamento do corpo? É certo que, nesses novos tempos de guerra, isso concerne, acima de tudo e sobretudo, ao corpo e é somente se o dizer passa ao dito, e através das voltas do dito, que se poderá alcançar o que entendemos por corpo falante. O dizer fica esquecido detrás do dito e, através das voltas do dito, o corpo fala sem saber. A psicanálise é uma aposta pelo sujeito ao levá-lo até a possibilidade de habitar seu próprio exílio como condição do dizer e do corpo. Além disso, a pulsão é reduzida a certa forma de dizer, dizer escondido detrás do dito, dito marginal em relação a isso que se ouve dizer. E é assim que o eco da fala no corpo é real, e que as pulsões são o eco no corpo do fato de que há um dizer. Entre o dizer e o dito, podemos encontrar uma polaridade entre extensão e algo que fica *êxtimo*. O alcance da psicanálise – e disso temos as provas em nossa clínica – se apoia sempre nessa polaridade dentro-fora, interior-exterior, um além que designa a alteridade que podemos definir pelo termo *extimidade*. Neologismo que Lacan utilizará pela primeira vez no Seminário XVI: “Ele [o

---

<sup>3</sup> J. Lacan, “Conférence et entretiens dans des universités nord-américaines”, In: *Scilicet*, número 6-7, Paris, Le Seuil, 1975.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 42-45.

<sup>5</sup> J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XXIII, Le sinthome*, Paris, Le Seuil, 2005.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 66.

<sup>7</sup> J. Lacan, “L’étourdit”, dans *Autres Écrits*, Paris, Le Seuil, 2001, p. 449.

objeto *a*] está aqui em um lugar que nós poderíamos designar pelo termo de *êxtimo*, juntando o íntimo à radical exterioridade”<sup>8</sup>. Trata-se verdadeiramente de “uma intimidade heterogênea” como afirma Colette Soler: corpo e Outro são, cada um, interno e externo, e essa estranheza interior é o que emerge de maneira explícita, não velada, a partir da escuta clínica.

O dizer também corre o risco de permanecer *êxtimo* em relação aos ditos que circulam em nossa época. Há uma passagem pertinente em Feud, ligada a essas questões. Ela se encontra no texto “Resultados, ideias, problemas”: “A psiquê é estendida, disso ela não sabe nada”<sup>9</sup>. Encontramos essa citação em uma das notas que foram reunidas no último volume dos escritos freudianos. Elas remontam à primavera de 1938, aproximadamente um ano antes da morte de Freud, e elas constituem sua última herança – Freud não colocará mais nada por escrito. Afirmar que a “psiquê é estendida” significa fechar, como lembra Jean-Luc Nancy em *Corpus*<sup>10</sup>, o reenvio milenar da questão do sentido e da experiência à dimensão psíquica, do subjetivo do interior que visa a exterioridade, do enigma ao mistério, mas disso a psiquê nada sabe, porque o inconsciente é “o insabido do sujeito”<sup>11</sup>.

Há um além que o corpo falante nos indica e ele nos indica particularmente a partir da lógica da sexuação e da escolha do sujeito, que se trata disso que concerne a seu corpo e a seu gozo, de modo que Lacan chegou à fórmula do corpo enquanto “substância gozante”<sup>12</sup>. A esse respeito, se Freud não hesitou em retomar e personalizar a frase atribuída a Napoleão, “a anatomia é o destino”<sup>13</sup>; para Lacan, a garantia da identidade sexual não vem do Outro, mas do ato. “Não existe ato sexual – subentenda-se: que tenha peso para afirmar no sujeito a certeza de que ele é de um sexo”<sup>14</sup>, e reconduz ao sentido etimológico de ana-tomia, ou seja, à função do corte.

“Tudo o que sabemos de anatomia está ligado, de fato, à dissecação. O destino, isto é, a relação do homem com essa função chamada desejo, só adquire toda a sua animação na medida em que é concebível o despedaçamento do próprio corpo, esse corte que é o lugar dos momentos de eleição de seu funcionamento”<sup>15</sup>. O que vale para o sujeito é uma escolha inconsciente ligada a um dizer singular que não aponta para a anatomia e que é determinante. A perspectiva lacaniana nos mostra que a

---

<sup>8</sup> J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XVI, D'un Autre à l'autre*, Paris, Le Seuil, 2006, p. 249.

<sup>9</sup> S. Freud, “Résultats, idées, problèmes”, Tomo II : 1921 -1938, Paris, PUF, 1998.

<sup>10</sup> J.-L. Nancy, (1992), *Corpus*, Paris, Métailié, 2000.

<sup>11</sup> J. Lacan, (1968-1969), *Le Séminaire, Livre XVI, D'un Autre à l'autre, op. cit.*, p. 385.

<sup>12</sup> J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XX, Encore*, Paris, Le Seuil, 1975, p. 34.

<sup>13</sup> S. Freud, (1924), “La disparition du Complexe d'Oedipe”, In: *La vie sexuelle*, Paris, PUF, 1969, p. 121.

<sup>14</sup> J. Lacan, “La logique du fantasme. Compte rendu du Séminaire 1966-1967”, In: *Autres Écrits*, Paris, Le Seuil, 2001, p. 325.

<sup>15</sup> J. Lacan, *Le Séminaire, Livre X, L'angoisse*, Paris, Le Seuil, 2004, p. 272.

identidade sexual não se apoia sobre o fato de se acreditar homem ou mulher, mas sobre levar em conta o Outro, já que homem e mulher, como significantes, só valem um em relação ao outro.

Estas considerações encontram uma confirmação na escuta de um paciente transexual que precisava conjugar a seus hábitos masculinos, ou pelo menos unissex, uma voz masculina – quando vinha assim vestido para a sessão –, alternando para uma voz feminina perfeitamente colocada quando se apresentava com roupas de mulher. Frequentemente, na primeira fase de sua análise, ele repetia sobre seu videogame favorito, *Path of exile* – literalmente: O caminho do exílio. E é assim, na sua condição de exilado, que o transexual vive longe do corpo que ele deseja. Ele aspira talvez a um outro gozo, assim como o exilado aspira retornar a sua pátria. Há um traço – como afirma Lacan – de um exílio da relação sexual: “Pois aí não há outra coisa senão encontro, o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que, em cada um, marca o traço do seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual”<sup>16</sup>. Exílio do corpo de um outro mais ainda do que em outro corpo. Na clínica da transexualidade, parece-me que a expressão “O hábito faz o monge” é ainda mais pertinente do que em outras clínicas, visando tapar a falta de suporte do corpo próprio por intermédio do hábito, velando a verdade (do corpo e do gozo) que tem dificuldade em se revelar. “Gozar de um corpo quando não há mais hábitos deixa intacta a questão disso que faz o Um, isto é, a da identificação”<sup>17</sup>. O objeto pequeno *a* vem recobrir o furo do sujeito, porém, mais ainda, o *a* é a escrita: ele escreve a cavidade do sujeito, esse vazio bordado pela cadeia significante que constitui o real singular do sujeito.

A partir disso, surgem questões para nosso Encontro: O que resta do corpo nas voltas do dito? Como entenderemos o tratamento analítico do corpo em nossa época? Em que se torna o corpo em face à barbárie de nossa época? Um despertar do aturdimento de nossa época é possível?

*Eva Orlando*

*EPFCL Italia-Fpl*

Tradução: Leonardo Pimentel

---

<sup>16</sup> J. Lacan, *Le Séminaire, Livre XX, Encore, op. cit.* p. 183.

<sup>17</sup> Lacan J., (1972-1973), *ibid.*, p. 13-14.